



Cira Arqueologia

N.º 6



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira



Cira Arqueologia

N.º 6



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

Revista Cira Arqueologia n.º 6

O Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira - CEAX, tem vindo a pautar desde a sua criação por uma dinâmica singular, que nos apraz. Essa dinâmica, plasma-se em diversos cenários que não só os costumeiros palcos das poeirentas escavações. Não que estes tenham algo de mal em si, mas importa sublinhar que para além dos imperiosos trabalhos de campo quer em contexto de obras de renovação e a reabilitação do tecido urbano do município Vilafranquense, quer de projetos de investigação, nunca foi descuidado o papel da ciência arqueológica e da Museologia quer no estudo e publicações quer na realização de exposições e ações de divulgação junto dos públicos do Museu Municipal.

O Museu assume assim a sua função, não só de colector passivo de objectos a organizar em tipologias e a arrumar nas prateleiras, mas como agente social, pautando e interagindo com a comunidade. Entendemos assim, o património como recurso singular para a inclusão social e económica das comunidades perante um caminho de desenvolvimento sustentável. Um excelente exemplo desta atuação é o sítio de Monte dos Castelinhos, e suas ruínas romanas de cuja existência e relevância histórica e patrimonial a população tem vindo a assumir e interiorizar com orgulho como suas.

A edição do sexto volume da Revista CIRA Arqueologia é um momento de contentamento, pois vem uma vez mais sublinhar o papel da centralidade do território de Vila Franca de Xira, no quadro do Vale do Tejo e da península de Lisboa. Com os seus onze artigos e mais de duzentas páginas de produção de conhecimento, confirmam a aposta do Município nesta publicação e é a prova que também em meio autárquico é possível trabalhar em prol da ciência.

A VEREADORA DA CULTURA

MANUELA RALHA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, 65
2600-263 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 280 350

museumunicipalvfxira@cm-vfxira.pt
www.museumunicipalvfxira.pt
www.cm-vfxira.pt



Cira Arqueologia

N.º 6



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

➤ **Transição estratigráfica em Almoínhas (Loures, Portugal): evolução das importações finas na Lusitania entre c.100 e c.320 d.C..**

JOSÉ CARLOS QUARESMA

PROFESSOR AUXILIAR CONVIDADO. FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA.
INSTITUTO DE ESTUDOS MEDIEVAIS – FCSH/UNL
JOSECARLOSQUARESMA@GMAIL.COM

RESUMO

O possível *vicus* de Almoínhas (Loures, Portugal) está localizado na Península de Lisboa, junto a um braço do paleo-estuário do rio Tejo, no *territorium* de *Olisipo*. Neste artigo apresentamos o diagrama estratigráfico das importações de cerâmica (*terra sigillata*, cerâmica africana de cozinha, paredes finas, lucernas, almofarizes e cerâmica comum de importação), bem como das formas de cerâmica comum de imitação e dos vidros. Desenvolvemos um primeiro esquema da evolução estratigráfica dos sectores escavados no sítio. A estratigrafia indica uma renovação profunda, provavelmente da segunda metade do século III, razão pela qual os dados alto-imperiais são mais escassos. Os dados sobre a evolução cronológica da *terra sigillata* africana importa A e C (e até mesmo africana D1) são particularmente importantes entre c.250 e c.320 d.C..

ABSTRACT

The possible *vicus* of Almoínhas (Loures, Portugal) is located on the peninsula of Lisbon, next to an extension of the paleo-estuary of River Tagus in the *territorium* of *Olisipo*. In this article we present the stratigraphic diagram concerning the ceramics imports (*terra sigillata*, African cooking ware, thin walls, lamps, mortars and imported common ware), as well as common ware, which imitates fine ware shapes, and glass. We developed a first diagram regarding the stratigraphic evolution of the excavated sectors in this possible *vicus*. The stratigraphy indicates a profound renovation, most probably during the second half of the 3rd century, wherefore data from the Early Empire are scarcer. Also of great importance in this study are data regarding the chronological evolution of imports of African *terra sigillata* A and C (and even African D1) between c.250 c.320 A.D..

1. Introdução

Situado em plena península de Lisboa, o sítio de Almoínhas está implantado na encosta este da serra de Montemor, estendendo-se até à várzea tagana, entre cotas altimétricas que variam dos 0 aos 35 metros de altitude. Em época romana, o paleo-estuário do Tejo teria um braço na actual várzea de Loures, que seria navegável, ainda no século XVIII, até Santo Antão do Tojal, por barcos de alguma envergadura (Silva, 2012; Oliveira, 2001).

Situado em pleno *territorium* de *Olisipo* (Lisboa), principal porto ocidental da *provincia* da *Lusitania*, Almoínhas usufruía assim de uma rede de contactos comerciais privilegiados ao longo de toda a história de ocupação do sítio, reforçada pela proximidade à via terrestre entre *Olisipo*

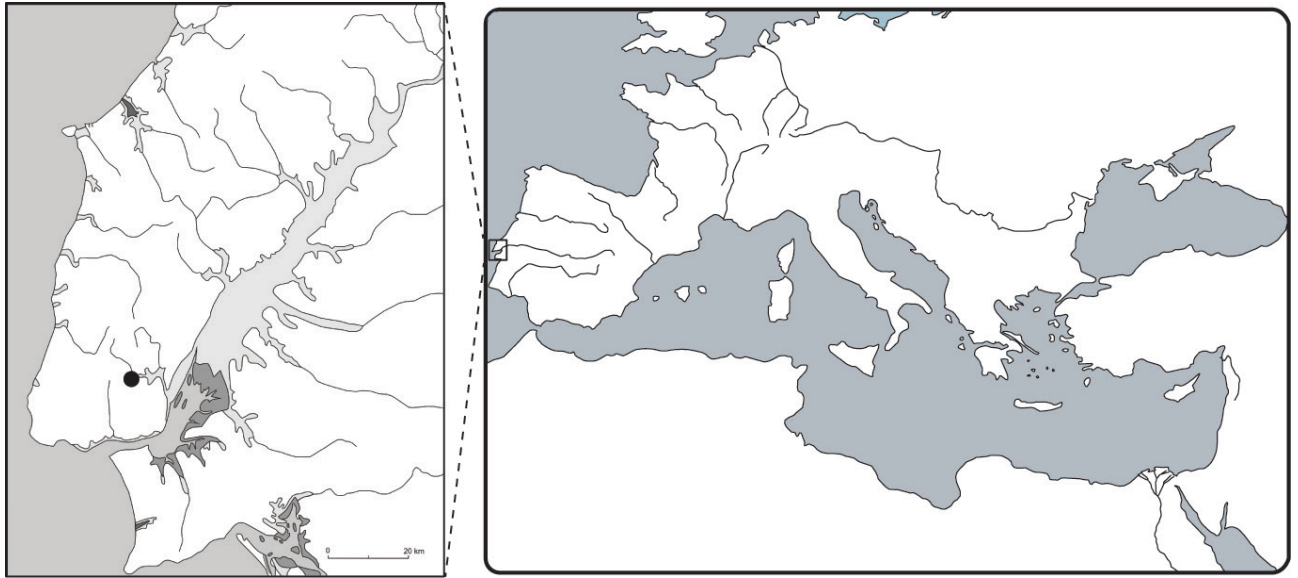


Figura 1
Localização
aproximada de
Almoínhas na
península de Lisboa,
Portugal.

e *Bracara Augusta* que, no seu segmento inicial em direcção a *Scallabis*, teria uma variante com passagem por Santo António do Tojal, na periferia de Almoínhas (Oliveira, 2001, p. 71). **FIG. 1**

O sítio de Almoínhas foi identificado através de prospecções do Museu Municipal de Loures nos anos de 1990, estrutura que iniciou escavações em 1995, sob a direcção de Ana Cristina Oliveira, a quem pertence a primeira síntese sobre o sítio, na altura interpretado naturalmente como *villa*, tendo em conta a entevista dimensão dos vestígios, a partir das sondagens de diagnóstico e de uma primeira campanha de prospecção geofísica (Oliveira, 2001. Sobre a numismática, ver Ruivo, 1999).

São os trabalhos da empresa Era-Arqueologia, com vinte e sete sondagens arqueológicas realizadas entre 2005 e 2006, que vão permitir uma complexificação interpretativa do sítio (Brazuna, Coelho, 2012) – hoje tendencialmente considerado um *vicus*, e menos possivelmente uma *villa* – e produzir uma nova síntese interpretativa, na qual consta, para além dos sectores domésticos e funerários já diagnosticados nos anos de 1990, um sector produtivo com três fornos cerâmicos, mantendo-se a dúvida sobre a(s) tipologia(s) neles produzida(s), embora provavelmente nos universos das cerâmicas comuns e/ou de construção, tendo os fornos 1 e 2 laborado possivelmente entre os séculos II e IV e o forno 3 entre os séculos I e III d.C. (Brazuna, Coelho, 2012, p. 105). **FIG. 2**

A cronologia geral do sítio proposta por Sandra Brazuna e Manuela Coelho balizava o sítio entre os séculos I/II e os meados do século V d.C. (Brazuna, Coelho 2012, p. 112). O trabalho por nós desenvolvido de sistematização do espólio fino e de remontagem em diagrama das camadas da escavação do Museu Municipal de Loures e das UEs da escavação da empresa Era-Arqueologia (figs. 3-6: diagrama das UEs da escavação da empresa Era-Arqueologia) permiti-nos elaborar uma primeira sequência cronológica para estas UEs e com isso fornecer uma primeira visão mais avançada sobre a diacronia do arqueossítio, para o qual, devemos deixar bem claro, falta ainda um trabalho aturado de remontagem de todas as UEs e definição mais avançada das suas fases arquitectónicas, mormente o trabalho profícuo publicado em 2012.

Uma fase alto-imperial, já expressada na referida síntese de 2012, fica também clara na nossa remontagem estratigráfica, onde se conserva algumas UEs anteriores ao século III, mas nunca anteriores a 100+ d.C., parecendo excluída uma ocupação do século I, até pela escassez de *terra sigillata* alto-imperial. Não é, contudo, certo, que não possa existir alguma fase alto-imperial bem preservada numa das muitas áreas não escavadas do sítio.

Figura 2
Planta das sondagens e estruturas do sítio, após as escavações da empresa Era-Arqueologia.
© Era-Arqueologia.



As próprias UEs do século II são escassas em informação, sendo curiosamente a fase mais antiga, de 100+ d.C., aquela que possui o maior mobiliário. Depois de duas sepulturas que datamos de meados do século III, é sem dúvida na segunda metade deste século que se deve assistir a uma grande remodelação (ou ao seu início) do vicus, estando pelo menos a UE 1043 da área 4 associada à desmontagem de um muro. Não será por isso, por acaso, que a fase de 250-300 d.C., com 67 indivíduos, é a segunda mais rica em espólio fino, só ultrapassada pela fase de c. 300 d.C., com 87 indivíduos.

Esta fase de inícios do século IV diz essencialmente respeito aos primeiros níveis de uma lixeira tardo-romana escavada pelo Museu Municipal de Loures, nos sectores S, T e U (Oliveira 2001), níveis aos quais somamos as UEs 2021 e 4029 da escavação da Era-Arqueologia (fig. 6). Esta lixeira revela uma diacronia de cerca de um século, sendo apresentada neste artigo a fase de 320+ d.C., já bastante menos rica em mobiliário fino e contendo no seu topo (ou na transição estratigráfica desta fase para a fase posterior, isto é, da UE 4021 para a UE 4018, que datamos já de 350+ d.C.) dois marcos miliários descartados, estando um deles, legível, datado de 314-324 d.C..

Esta lixeira está implantada na área habitacional da área 4 das escavações da Era-Arqueologia, tendo-se produzido um primeiro estudo da cerâmica comum, para além de uma abordagem às ânforas, com a presença de Dressel 20 bética, e Lusitana 9, Almagro 51 a-b e sobretudo Almagro 51c lusitanas (*apud* Brazuna, Coelho, 2012, p. 111). Não deixa de ser *sui generis* que dois marcos miliários sejam descartados tão pouco tempo depois da sua elaboração, mas também é verdade que se seguissemos um raciocínio preconceituoso baseado num abandono destas duas epígrafes num tempo obrigatoriamente muito posterior à sua data de elaboração (314-324 d.C.), uma cronologia de século V, por exemplo, para a fase de 320+ d.C., chocaria com um panorama de cerâmica comum sem rupturas evolutivas; para além do mais, é na fase seguinte, da lixeira, de 350+ d.C., que encontramos a primeira evidência morfológica de *terra sigillata* africana D1, posterior a meados do século IV (Hayes 67B).

A fase 350+ d.C. já não faz parte deste artigo, para o qual decidimos problematizar apenas as questões estratigráficas entre c.100+ e c. 320+ d.C. que reflectem assim o palimpsesto da ocupação alto-imperial, profundamente remodelada entre 250-300 ou 250-320 d.C.. Num segundo artigo a breve prazo, problematizaremos a estratigrafia entre 350+ e 525+ d.C., naquilo que parece ser uma ocupação contínua, aparentemente na área 1, até 425+ d.C., e sobretudo na área 3, até 525+ d.C.. **FIG.S 3-6**

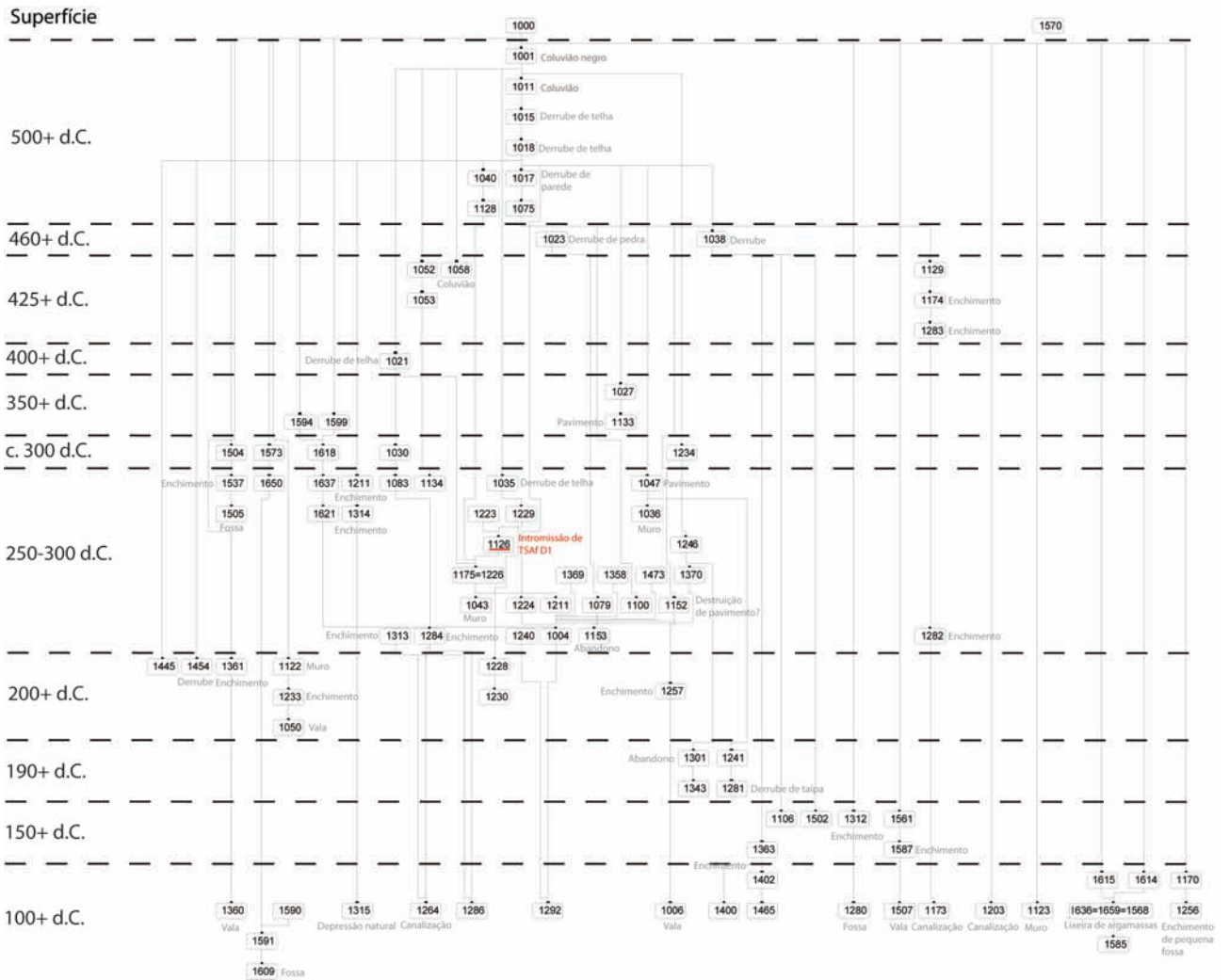


Figura 3
Diagrama parcial das escavações da empresa Era-Arqueologia.

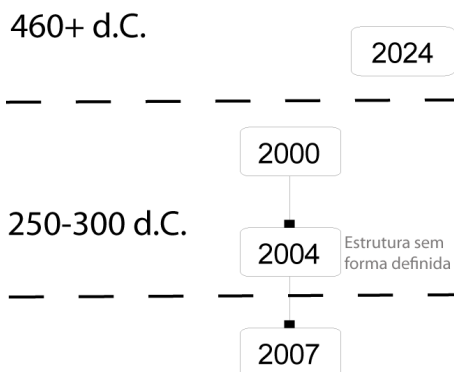


Figura 4
Diagrama parcial das escavações da empresa Era-Arqueologia.

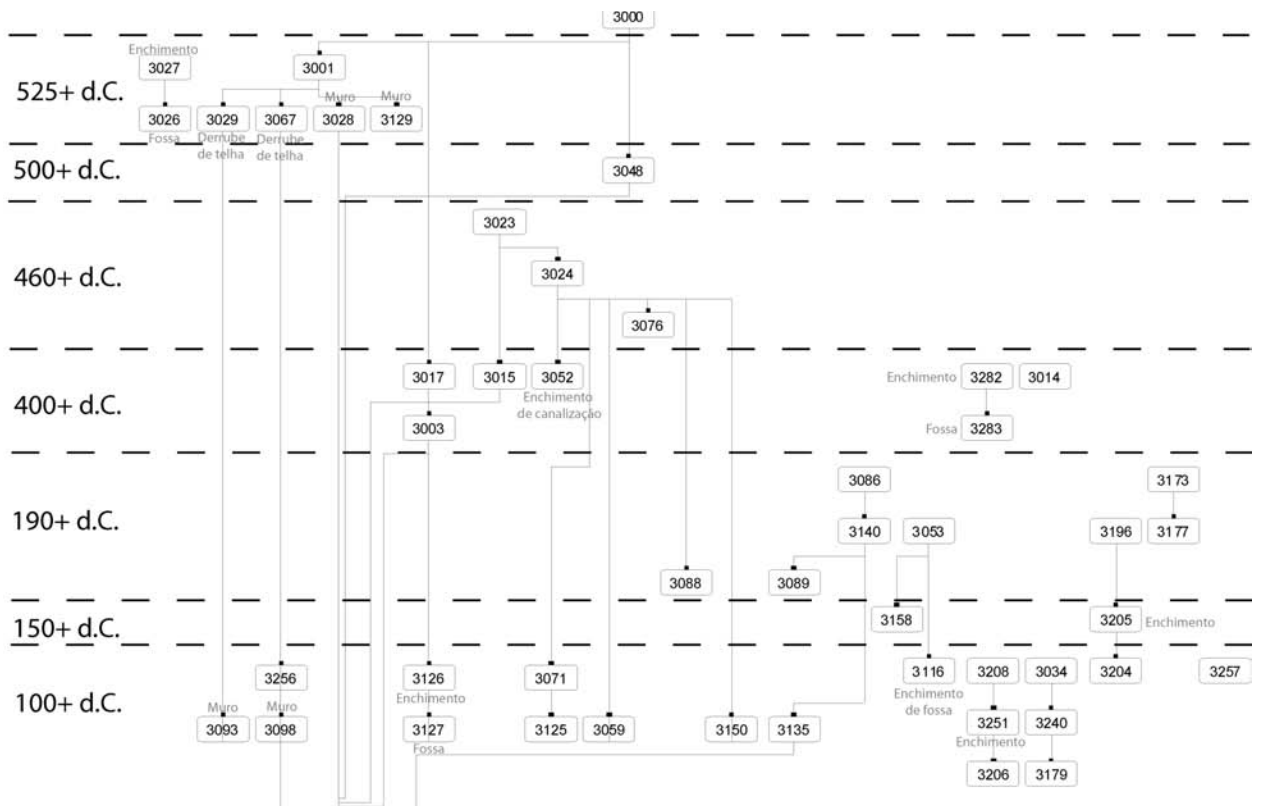


Figura 5
Diagrama parcial das escavações da empresa Era-Arqueologia.

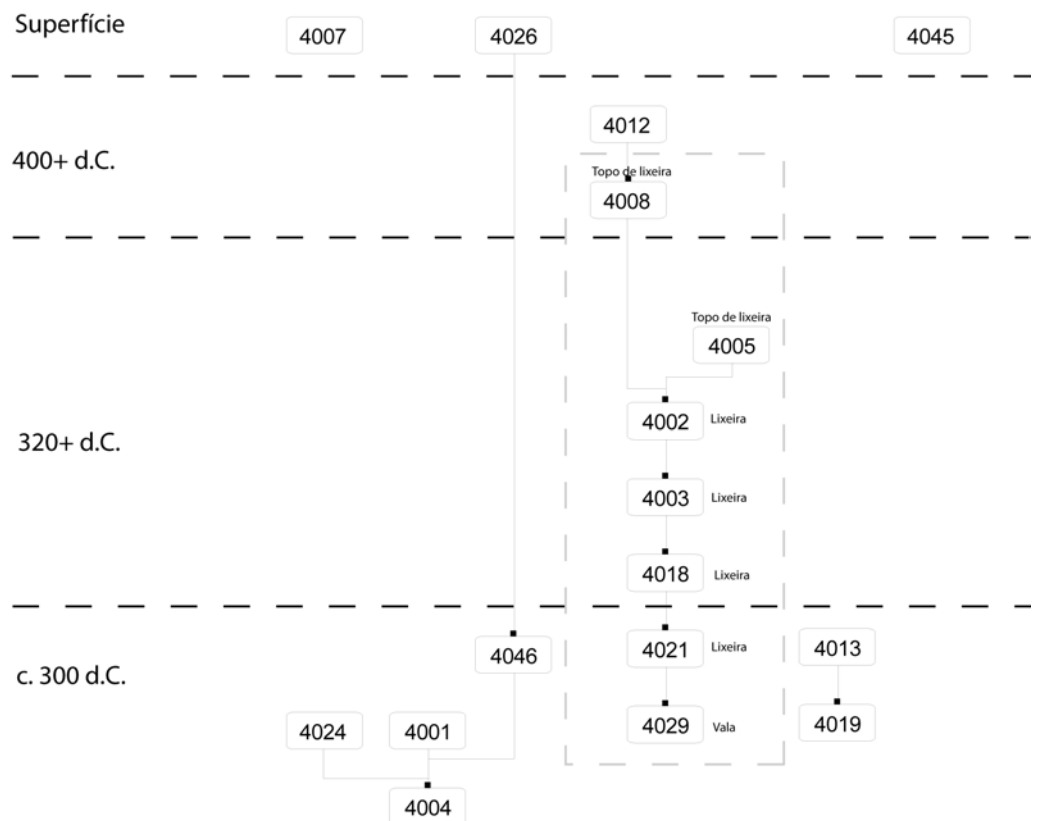


Figura 6
Diagrama parcial das escavações da empresa Era-Arqueologia.

2. Evolução estratigráfica do espólio

2.1. Fase de 100+ d.C.

A primeira fase estratigráfica diagnosticável em Almoínhas aparenta pertencer aos inícios do século II. Com um total de 49 fragmentos e 35 indivíduos, apresenta uma baixa residualidade e um espólio estatisticamente interessante de *terra sigillata* e de vidros, tipologias acompanhadas por algumas outras, em muito menor quantidade.

A cronologia proposta assenta nos seguintes argumentos: a residualidade da *terra sigillata* itálica, tipologia que pode ainda ter cifras importantes (residuais?) na época flávia, por exemplo na *Ammaia*, cidade onde esta produção é residual em 125-150 d.C. (Quaresma, Dias, 2015); a presença conjunta de escassa *terra sigillata* africana A e indirectamente de cerâmica africana de cozinha, através de imitação local ou regional de grande qualidade. Se em *Salacia* e na Ilha do Pessegueiro, a *terra sigillata* africana A surge timidamente na fase flávia (Silva *et Al.*, 1980-81; Silva, Soares, 1993), é na fase de 100-150 d.C. do sítio insular, que esta produção surge de forma mais expressiva, conjugada com cerâmica africana de cozinha; em *Mirobriga*, ambas surgem de forma tímida na mesma cronologia (Quaresma, 2012, p. 335). É verdade que, tanto em *Mirobriga* (100-150 d.C.), como em *Ammaia* (125-150 d.C.) e na Ilha do Pessegueiro (100-150 d.C.), os quantitativos de *terra sigillata* sudgálica da primeira metade do século II são escassos, sendo um pouco mais expressivos em Monte Molião-Silves (125-150 d.C.: Arruda *et Al.*, 2008): esta situação torna, por isso, um pouco estranho o quantitativo sudgálico de Almoínhas, que ainda suplanta sem dúvida os totais hispânicos (La Rioja e Andújar), aparentemente demasiado altos para uma produção em final de difusão no território lusitano. Neste sentido, é a escassa presença de cerâmicas africanas, num sítio integrado na dinâmica litoral meridional da *Lusitania*, como o é Almoínhas, que nos leva a não avançar muito mais do que os inícios do século II para a cronologia desta fase.

No seio da *terra sigillata* hispânica, seria de esperar um equilíbrio entre La Rioja e Andújar, ou mesmo já o predomínio deste último, como acontece em *Mirobriga* e na Ilha do Pessegueiro, nas estratigrafias de 100-150 d.C. (Silva, Soares, 1993; ver discussão de modelo em Quaresma, 2012, cap. IV). Neste sentido, o predomínio de La Rioja poderá ser indicador de estarmos realmente em torno a 100 d.C. e não mais além.

O tipo presente de cerâmica de cozinha reside numa excelente imitação do tipo Hayes 196A (n.º 1: bordo levemente biselado na face externa) de cerâmica africana de cozinha do Norte da Tunísia. Pertence ao fabrico 1 desta tipologia, estabelecida por nós no estudo de Almoínhas, sítio onde esta produção ressurgirá, em pleno *floruit* inaudito, por volta de 500 d.C., num total de 4 fabricos locais ou regionais muito aproximados, sempre sem patina cinzenta no bordo, com faces bem polidas produzindo uma superfície de cor N55 (vermelho-laranja claro: Cailleux, *s.d.*), muito semelhante às produções africanas, mas com pasta em sandwich com exterior P11 (castanho-vermelho) e enp típicos do vale do Tejo (sobre esta tipologia de imitação faremos um estudo aturado no futuro artigo sobre a estratigrafia tardia).

Tal como a cerâmica de cozinha, as outras tipologias finas são escassas. As paredes finas (talvez apenas pelo tipo Mayet 37: Mayet, 1975) parecem ter um primado da *Baetica*, acompanhado pela capital provincial, *Augusta Emerita*, cuja produção de lucernas surge timidamente, na fase 100-150 d.C. de um outro sítio litoral lusitano, *Mirobriga* (Quaresma, 2012, p. 335). Já em Almoínhas, as lucernas são exclusivamente béticas, ainda pelo tipo de volutas. Este aspecto reforça igualmente a cronologia *ante*-150 d.C. da fase, já que em Monte Molião-

-Silves, as lucernas de disco ainda estão completamente ausentes na fase final do sítio de 125-150 d.C. (Pereira, 2008). Os almofarizes e a cerâmica comum de importação reforçam o papel da *Baetica* no consumo de Almoínhas de época antonina inicial, surgindo igualmente o litoral bético na segunda tipologia. No seio dos almofarizes, para além de uma presença significativa desta tipologia, com 3 indivíduos, salienta-se serem todos do tipo de bordo em martelo (Quaresma, 2006).

A última tipologia estudada, os vidros, apresenta um bom conjunto de cores, mas a conservação dos bordos é escassa, tornando difícil a classificação de todos os exemplares: um deles poderá pertencer ao tipo Isings 38, datado da segunda metade do século I e século II (Cruz, 2009, p. 344).

CLASSE	ORIGEM	GRUPO	TIPO	FRAG.	NMI	NMI PROD.	% NMI PROD.	OBS.	FIG.	
<i>Terra sigillata</i>	TSI		C22	3	3	3	17,6			
	TSSG		D18	2	2	7	41,2			
			D24/25	1	1					
			D27b	1	1					
			D36	1	1					
			Prato	1	1					
			Tigela	1	1					
	TSH-La Rioja			D18	2	2	5	29,4		
				D27	2	2				
				Tigela	1	1				
				Ind.	2					
	TSH-Andújar			D33	1	1	1	5,9		
				Ind.	1					
	TSAf A			Ind.	1	1	1	5,9		
Total				20	17	17	100			
CAC	L/R	Fabricao 1	H196A	1	1	1	100		1	
	Total				1	1		1		
Paredes Finas	<i>Augusta Emerita</i>		M37	1	1	1	33,3	Arenosa		
	Baetica		M37	1	1	2	66,6			
			M36, 37 ou 38	1	1				Barbotina: pontilhado	
	Total				3	3	3	100		
Lucernas	Baetica		Volutas	1	1	1	100			
	Total				1	1		1		
Almofariz	Baetica		Bordo em martelo	3	3	3	100			
	Total				3	3		3		
Cerâmica comum	Baetica, litoral		Ind.	1	1	1	50			
	Baetica		Jarro/Cântaro	1	1	1	50			
	Total				1	1	1	100		

CLASSE	ORIGEM	GRUPO	TIPO	FRAG.	NMI	NMI PROD.	% NMI PROD.	OBS.	FIG.
Vidros	Incolor		Jarro	1	1	1	11,1		
			Ind.	6					
	Incolor branco		Ind.	2	1	1	11,1		
	Incolor verde-gelo		Perfil cerâmico	1	1	1	11,1		
	Incolor verde		Ind.	2	1	1	11,1		
	Azul claro		Ind.	3	1	1	11,1		
			Garrafa cilíndrica?	1	1	1	11,1		
	Verde-gelo		Ind.	1			11,1		
	Verde claro		Ind.	1	1	1	11,1		
	Verde opaco		Jarro?	1	1	1	11,1		
Verde		Is38?	1	1	1	11,1			
Total				20	9	9	100		
Total				49	35	35	100		
Residualidade: 8,6%									
Intrusibilidade: 0%									

Figura 7
Fase de 100+ d.C.
(escavações
da empresa
Era-Arqueologia).

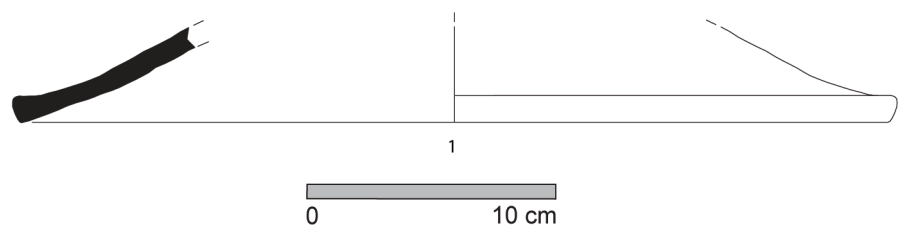
CATÁLOGO

1 – Cerâmica africana de cozinha – Local/Regional – Fabrico 1 – Hayes 196A – UE 1402 – Inv. 13

ERA

100+ d.C.
UE 1402

Figura 8
Fase de 100+ d.C.
(escavações
da empresa
Era-Arqueologia).



2.2. Fase de 150+ d.C.

As possíveis UEs datáveis em torno a meados do século II são escassas e embalam um mobiliário também ele curto. A ausência de *terra sigillata* sudgálica é natural e coerente, mas a ausência de La Rioja será meramente circunstancial, já que ressurge na fase seguinte. Temos assim, para além da *terra sigillata* africana A (novamente com tipo indeterminável), o centro hispânico de Andújar e um bojo decorado com o estilo de círculos de possível Drag. 37 (n.º 2), mas com fabrico alaranjado que o aproxima das produções intermédias do Ebro, datadas a partir de c. 140 d.C., em *Clunia* (Tuset i Beltrán, Buxeda i Garrigós, 1995).

CLASSE	ORIGEM	GRUPO	TIPO	FRAG.	NMI	NMI PROD.	% NMI PROD.	OBS.	FIG.
<i>Terra sigillata</i>	TSH-Andújar		D15/17	1	1	1	33,3		
	TSH-intermédia		D37?	1	1	1	33,3		2
	TSAFA		Ind.	11	1	1	33,3	Círculos denteados	
	Total			12	3	3	100		
Residualidade: 0%									
Intrusibilidade: 0%									

Figura 9
Fase de 150+ d.C. (escavações da empresa Era-Arqueologia).

CATÁLOGO

2 – *Terra sigillata* hispânica intermédia – Drag. 37? – UE 1587 – Inv. 394

ERA

150+ d.C.
UE 1587



2



Figura 10
Fase de 150+ d.C. (escavações da empresa Era-Arqueologia).

2.3. Fase de 190+ d.C.

A fase estratigráfica de finais do século II está um pouco melhor representada em termos de mobiliário e será seguida de uma fase pouco posterior, de inícios do século III. Com uma baixa residualidade (*terra sigillata* sudgálica), tal como em 100+ d.C. (a fase de 150+ d.C. nem terá residualidade), a estratigrafia de 190+ d.C. mantém um possível papel, embora secundário, da *terra sigillata* de La Rioja e Andújar, formando cerca de 1/3 desta tipologia, enquanto a *terra sigillata* africana A se apresenta doravante dominante (50% da tipologia) e representada pelas formas coevas, Hayes 14A, 14B (n.º 4 possui parede muito estreita) e 27 (n.ºs 3-4, 6) (Bonifay, 2004).

A *Baetica* poderá ainda manter um papel comercial apenas através das paredes finas, já que as lucernas pertencem agora, tal como acontece em *Ammaia*, a produções de âmbito hispânico (Deneauve 7 do grupo 2a do estudo da *Ammaia* – Quaresma, 2014; no prelo-, fabrico muito possivelmente originário de *Augusta Emerita*, cidade cujas paredes finas estão presentes em Almóinhas na fase de 100+ d.C.) e de âmbito local ou regional (tipo indefinido), integráveis no seio da plêiade de pastas finas ou médias do baixo-Tejo, região para a qual falta um estudo abrangente para as pastas regionais de lucernas (ver neste sentido, o estudo de Vieira, 2011 sobre *Olisipo*).

O último aspecto é sem dúvida o mais importante: a presença de Imitações de Engobe Vermelho não vitrificado (IEV), sob a técnica de engobe, imitando o tipo africano Hayes

27=Lamb. 9a (n.º 5), embora com morfologia pouco conseguida ao nível do bordo. Com pasta quartzo-micácica típica do estuário do Tejo, nomeadamente as conhecidas no centro produtor de Quinta do Rouxinol e no centro de consumo de *Olisipo* (sector da Casa dos Bicos), este dado estratigráfico de Almoínhas é de momento o mais antigo para o conhecimento desta produção tagana, já que os níveis estratigráficos mais recuados da Quinta do Rouxinol pertencem ao terceiro quartel do século III (Quaresma, 2017; Santos, Raposo, Quaresma, 2015) e os exemplares do sector da Casa dos Bicos em *Olisipo* pertencem a tipos tardo-antigos ou estão em posição estratigráfica pós-romana (Filipe *et Al.*, 2016, figs. 7 e 11).

CLASSE	ORIGEM	GRUPO	TIPO	FRAG.	NMI	NMI PROD.	% NMI PROD.	OBS.	FIG.	
Terra sigillata	TSSG		D24/25	1	1	1	16,6			
			Ind.	1						
	TSH-La Rioja		Tigela	1	1	1	16,6			
	TSH-Andújar		Ind.	1	1	1	16,6			
	TSAf A			H14A	1	1	3	50		3
				H14B	1	1				4
				H27=L9a2	1	1				6
				Ind.	4					
Total				11	6	6	100			
Paredes finas	Beatica		Ind.	1	1	1	100			
	Total			1	1	1				
Lucernas	Hispania	2a	Den.7	1	1	1	50			
	L/R		Ind.	1	1	1	50			
	Total			2	2	2	100			
IEV	L/R	Engobe	H27=L9a	1	1	1	100		5	
	Total			1	1	1				
Total				14	10	10	100			
Residualidade: 10%										
Intrusibilidade: 0%										

Figura 11

Fase de 190+ d.C. (escavações da empresa Era-Arqueologia).

CATÁLOGO

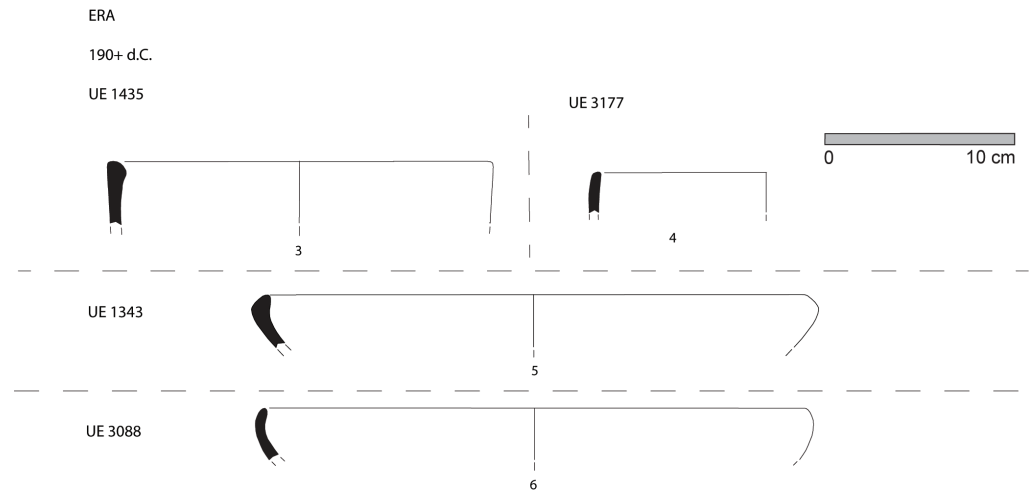
3 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 14A – UE 1435 – Inv. 762

4 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 14B – UE 3177 – Inv. 121

5 – IEV – Local/Regional – Engobe – Hayes 27=Lamb. 9a – UE 1343 – Inv. 55

6 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 27=Lamb. 9a2 – UE 3088 – Inv. 788

Figura 12
Fase de 190+
d.C. (escavações
da empresa Era-
Arqueologia).



2.4. Fase de 200+ d.C.

Figura 13
Fase de 200+ d.C.
(escavações da
empresa
Era-Arqueologia).

A fase de inícios do século III é ainda mais curta do que a de finais do século II, mas inclui apenas materiais contemporâneos à sua formação. Revela um início das importações de *terra sigillata* bizantina (n.º 7), logo nos primeiros momentos da sua produção na área tunisina, embora as produções zeugitanas mantenham o domínio. Ao nível das lucernas, assistimos a um ressurgir (?) da *Baetica*, mas agora com um tipo tardio, Dressel 30, enquanto as produções locais ou regionais, cuja primeira aparição acontece na fase anterior, voltam a surgir com um exemplar de lucerna de Disco.

CLASSE	ORIGEM	GRUPO	TIPO	FRAG.	NMI	NMI PROD.	% NMI PROD.	OBS.	FIG.
<i>Terra sigillata</i>	TSAf A		H14A, n.4	1	1	2	66,6		
			H14C	1	1				
	TSAf C		H44	1	1	1	33,3		7
			Ind.	3					
	Total				6	3	3	100	
Lucernas	<i>Baetica?</i>		D30	1	1	1	50		
	L/R		Disco	1	1	1	50		
	Total				2	2	2	100	
Total				8	5	5	100		
Residualidade: 0%									
Intrusibilidade: 0%									

CATÁLOGO

7 – *Terra sigillata* africana C – *Terra sigillata* 44 – UE 1454 – Inv. 124

ERA

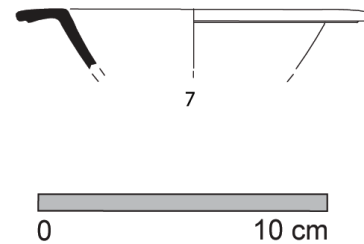
200+ d.C.
UE 1454

Figura 14
Fase de 200+
d.C. (escavações
da empresa Era-
Arqueologia).

2.5. Fase de c. 250 d.C.

A fase de meados do século III está representada por duas sepulturas: a sepultura n.º 1 da escavação do Museu Municipal de Loures e a sepultura n.º 1 da escavação da empresa Era-Arqueologia. O período central do século III só possui assim dados funerários.

A sepultura n.º 1 da escavação do Museu Municipal de Loures possui o maior espólio, no qual a *terra sigillata* está representada por uma única produção, a africana C, através do tipo Hayes 50A (n.º 9), cuja vida começa nesta altura (Hayes, 1972).

Deveras importante é a presença de Imitações de Engobe Vermelho, locais ou regionais (n.ºs 8 e 10), com as pastas quartzo-micácicas do baixo-Tejo, e numa quantidade que duplica a da *terra sigillata*; para além deste aspecto, o tipo Hayes 15 indica-nos uma cronologia nunca anterior a meados do século III, tal como a Hayes 50 de *terra sigillata* africana C. A produção de IEV desta sepultura pertence à técnica de engobe, um dado que reforça esta técnica, já conhecida em Almoínhas desde a fase de 190+ d.C., mas ausente da estratigrafia coeva do centro produtor da Quinta do Rouxinol, como frisámos *supra*. O tipo afim à Hayes 3C africana possui uma aba de fisionomia normal, mas corpo muito desenvolvido e alto, com parede espessa e fundo assaz espesso, com pé-de-anel robusto, que a distingue do protótipo africano. O tipo Hayes 15 apresenta um corpo bastante semelhante ao protótipo africano, embora com parede superior curta e um fundo divergente, desta vez em disco maciço; na necrópole de Tróia, um exemplar em cerâmica comum, mas de fisionomia igual, surge na sepultura 33-A, datada de 150-200+ d.C. (Almeida, 2008, n.º 126). Ambos os tipos de IEV de Almoínhas possuem um engobe de boa qualidade, que imita com grande perfeição as coberturas de *terra sigillata* africana A2 (Atlante, 1981).

A produção emeritense ou bética de lucernas continua presente (no caso de ser da capital lusitana, falaríamos antes de um possível retorno destas importações, conhecidas na fase de 190+ d.C., através do fabrico 2a que estabelecemos em *Ammaia* – Quaresma, no prelo), embora se faça representar agora pela transição morfológica entre o tipo de Disco e a Dres-

sel 28, algo que já estabelecêramos no espólio de *Ammaia* (Quaresma, no prelo). O n.º 11, bastante sobremoldado, apresenta um disco com decoração algo imperceptível, mas enquadrável numa figuração militar, com cabeça e machado-duplo (numa lucerna de volutas do oleiro *Gabinia* do Museu Nacional de Arte Romano de Mérida, conhece-se uma decoração figurativa de corpo inteiro com machado-duplo: Rodríguez Martín, 2002, fig. 11, n.º 145); as rosetas sobre a orla são conhecidas, num punção algo semelhante, numa lucerna igualmente de transição entre o tipo de Disco e a Dressel 28 do Museu Nacional de Arte Romano de Mérida (Rodríguez Martín, 2002, est. XXXVI, n.º 191).

O único exemplar vítreo, tipo AR72 ou 73, de cor incolor esverdeado, tem paralelo cronológico a partir da segunda metade do século III (Rütti, 1991, p. 78) e a pequena bilha em cerâmica comum de origem bética (área já conhecida pelas paredes finas no século II e pelas lucernas nos séculos II e III em Almoínhas) inicia a importação desta tipologia cerâmica. A inventariação de importações de cerâmica comum bética no território actualmente português indica-nos apenas partes superiores de pequenas bilhas (nunca perfis completos), com fisionomias apenas algo semelhantes, e as datações conhecidas são alto-imperiais (Vaz Pinto, Morais 2007, p. n.ºs 130-131). O nosso n.º 13 possui bordo em fita espessado internamente na parte superior, com topo plano, asa em orelha com moldura interna larga, corpo piriforme alto e base em disco.

CLASSE	ORIGEM	GRUPO	TIPO	FRAG.	NMI	NMI PROD.	% NMI PROD.	OBS.	FIG.
<i>Terra sigillata</i>	TSAf C		H50A	1	1	1	100		9
	Total			1	1	1			
IEV	Local/Regional	Engobe	H3C	1	1	2	100		8
			H15	1	1				10
			Total	2	2	2			
Lucerna	<i>Augusta Emerita ou Baetica</i>		Disco/Dr28	1	1	1	100		11
	Total			1	1	1			
Vidro	Incolor esverdeado		AR 72 ou 73 ou afim	1	1	1	100		12
	Total			1	1	1			
Cerâmica comum	<i>Baetica</i>		Pequena bilha	1	1	1	100		13
	Total			1	1	1			
Total				6	6	100	100		
Residualidade: 0%									
Intrusibilidade: 0%									

Figura 15
Fase de c. 250 d.C.:
sepultura n.º 1
(escavações do MML)

CATÁLOGO

8 – Imitações de Engobe Vermelho – Engobe – Local/Regional – Hayes 3C – UE Sepultura 1 – Inv. RO 6794

9 – *Terra sigillata* africana C – Hayes 50A – UE Sepultura 1 – Inv. RO 6866

10 – Imitações de Engobe Vermelho – Engobe – Local/Regional – Hayes 15 – UE Sepultura 1 – Inv. RO 6143

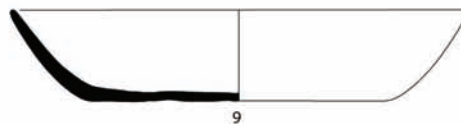
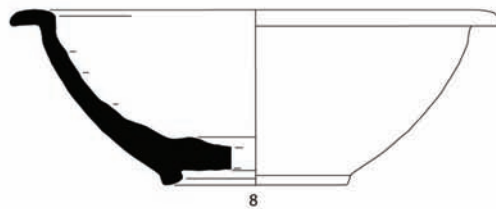
11 – Lucerna – *Augusta Emerita* ou *Baetica* – Disco/Dressel 28 – UE Sepultura 1 – Inv. RO 6870

12 – Vidro – Incolor verde – AR72 ou 73 ou afim – UE Sepultura 1 – Inv. RO 6869

13 – Cerâmica comum – *Baetica* – Pequena bilha – UE Sepultura 1 – Inv. RO 6868

MML
Sepultura 1
c.250 d.C.

0 10 cm



0 10 cm

Figura 16
Fase de c. 250 d.C.:
sepultura n.º 1
(escavações do MML)



Figura 17
Fase de c. 250 d.C.:
sepultura n.º 1
(escavações do MML)

Figura 18
Fase de c. 250 d.C.: sepultura n.º 1 (escavações da empresa Era-Arqueologia)

A sepultura n.º 1 das escavações da empresa Era-Arqueologia possui muito menos material, mas confirma o papel do tipo Hayes 3C (n.º 14), agora em *terra sigillata* africana A (na sepultura n.º 1 das escavações do MML surge em IEV), bem como do tipo lucernar Disco/Dressel 28 (n.º 15), agora em produção local ou regional (na sepultura n.º 1 das escavações do MML é de origem bética ou emeritense). Esta lucerna surge, porém, bastante sobremoldada, sendo impossível diagnosticar o tipo de punção repetido na orla (aparentemente um motivo vegetal). Por último, a presença do tipo Hayes 3C em *terra sigillata* africana A, num contexto fechado desta época, comprova a sobrevivência desta forma muito para lá do século II (Hayes, 1972, p. 25), uma ideia já entrevista por nós anteriormente (Quaresma, 2011, p. 77)

CLASSE	ORIGEM	GRUPO	TIPO	FRAG.	NMI	NMI PROD.	% NMI PROD.	OBS.	FIG.
<i>Terra sigillata</i>	TSAf A		H3C	1	1	1	100		14
	Total			1	1	1			
Lucernas	L/R		Disco/Dr.28	1	1	1	100	Pasta de grão médio, ocre.	15
	Total			1	1	1			
Total				2	2	2	100		
Residualidade: 0%									
Intrusibilidade: 0%									

CATÁLOGO

14 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 3C – Sepultura 1 – UE 111 – Inv. 805

15 – Lucerna – Local/Regional – Disco/Dressel 28 – Sepultura 1 – UE 106 – Inv. 806

ERA
Sepultura 1
c. 250 d.C.

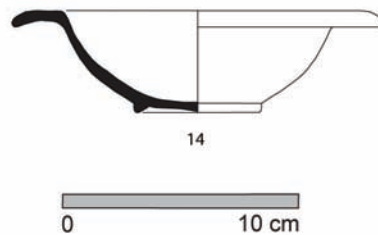


Figura 19
Fase de c. 250 d.C.: sepultura n.º 1 (escavações da empresa Era-Arqueologia)

2.6. Fase de 250-300 d.C.

Esta é sem dúvida a fase melhor representada em mobiliário na estratigrafia de Almoínhas, com um total de 145 fragmentos e 64 indivíduos e uma muito baixa residualidade de talvez apenas 3,1% (lucerna de volutas e a *terra sigillata* sudgálica), cifra optimista que poderá ser superior, se englobarmos as produções canónicas de *terra sigillata* hispânica, tanto de Andújar como de La Rioja, que totalizam 14,6%, o que produziria um total residual de 17,7% para a fase.

Tal como já propuséramos anteriormente (Quaresma, 2011; 2012, p. 280), em relação aos comportamentos comerciais tendenciais da *terra sigillata* africana A e C no Ocidente do Império, Almoínhas apresenta um predomínio da produção zeugitana, que triplica os quantitativos bizacenos.

No seio da *terra sigillata* africana A, os tipos Hayes 14A e 14B estão bem representados, mas são largamente suplantados pelas formas típicas desta cronologia, as Hayes 15, var. precoce e canónica (Bonifay, 2004, p. 157-159). O n.º 26, do tipo Hayes 15, var. precoce, embora com bisel já bem marcado que o aproxima bastante da morfologia canónica, possui o topo do bordo com decoração a punção algo irregular, uma característica incomum nesta forma; enquanto o n.º 29, do mesmo tipo, possui várias incisões no bordo interno, um aspecto que, no n.º 37, de Hayes 15 canónica, surge mais simplificado.

Os tipos Hayes 6A e 6B são escassos e poderão ser residuais, tal como o tipo Hayes 9A (apesar de o n.º 28 estar bem conservado), em ambas as formas estando ausente os subtipos tardios da variante 6C. A presença de Hayes 27 é medianamente importante e a única morfologia diagnosticada é a Hayes 27 = Lamboglia 9a.

Ligeiramente mais expressiva é a forma Hayes 16, datada por Bonifay (2004, p. 157-159) nos inícios do século III, mas que está presente em boas quantidades nos contextos de c. 250-275 d.C. que temos em estudo na área portuária de *Tarraco*. Os dados de Almoínhas indicam algo no mesmo sentido: uma continuidade cronológica da Hayes 16, provavelmente até uma data algures na segunda metade do século III.

As formas presentes da Byzacena dão-nos conta de um repertório ainda limitado, no qual apenas conta a Hayes 45A e sobretudo as Hayes 50A e 50B, em iguais proporções. Já o fragmento isolado de *terra sigillata* africana D1 é considerado uma intrusão na UE 1126, tendo apenas efeito, no caso de não o aceitarmos como intrusão, na UE 1035, onde consta apenas dois fragmentos indeterminados de *terra sigillata* africana A (fig. 3).

É também nesta fase de apogeu da *terra sigillata* africana A que a Zeugitana fornece o primeiro lote de cerâmica africana de cozinha, com o tipo Hayes 197 importado por um único exemplar. Podemos contudo suspeitar que já exista importações de cerâmica africana de cozinha no sítio, tendo em conta a presença da excelente imitação local ou regional de Hayes 196A, na fase de 100+ d.C..

Também local ou regional é o único almofariz presente nesta fase, de morfologia indeterminável; e as lucernas apresentam uma possível importação itálica de volutas, certamente residual (Bussière, 2000), e uma possível continuidade das importações béticas, pelo tipo de disco.

O conjunto de vidros apresenta cores normais para a época e o unguentário presente não é atribuível com segurança ao tipo Isings 15, de cronologia até anterior ao século III (Rütti, 1991, p. 162); já a garrafa prismática Isings 50 assenta perfeitamente nesta cronologia (Cruz, 2009, p. 345).

CLASSE	ORIGEM	GRUPO	TIPO	FRAG.	NMI	NMI PROD.	% NMI PROD.	OBS.	FIG.
<i>Terra sigillata</i>	TSSG		Prato	1	1	1	1,8		
	TSH-Andújar		D15/17	1	1	4	7,3		
			D37	1	1				
			Prato	1	1				
			Tigela	1	1				
	TSH-La Rioja		D15/17	1	1	4	7,3		
			D27	1	1				
			D29 ou 37	1	1				
			Tigela	1	1				
			Ind.	1					
	TSAf A		H6A	1	1	35	61,8		20
			H6B	1	1				27
			H9A	2	2				28
			H14	1	1				
			H14A	5	5				21, 23, 32
			H14B	3	3				22
			H14C	1	1				41
			H15	6	6				16, 34, 37
			H15, var. precoce	7	7				25, 26, 29, 35, 38
			H16	4	4				17-19, 24
			H27	3	3				
			H27=L9a	1	1				30
			Ind.	42					
	TSAf C		H45A	1	1	11	20		
			H50A	5	5				33, 36, 39
			H50A/B	5	5				31, 40
			Ind.	37					
TSAfD1		Ind.	1	1	1	1,8	Intromissão na [1126]. UEs posteriores possuem apenas 2 frags. indeterminados de TSAf A na [1035].		
Total				136	56	56	100		
CAC	<i>Zeugitania</i>	Patina cinzenta	H197	1	1	1	100		42
	Total				1	1		1	
Lucernas	<i>Italia?</i>		Volutas?	1	1	1	50		
	<i>Baetica?</i>		Disco	1	1	1	50		
	Total				2	2	2	100	
Almofariz	L/R		Ind.	1	1	1	100		
	Total				1	1		1	

CLASSE	ORIGEM	GRUPO	TIPO	FRAG.	NMI	NMI PROD.	% NMI PROD.	OBS.	FIG.
Vidro	Azul		Is50	1	1	1	25		
			Ind.	1					
	Branco		Unguentário/Is15?	1	1	1	25		
	Verde		Ind.	1	1	1	25		
	Verde-azul		Ind.	1	1	1	25		
	Total				5	4	4	100	
Total				145	64	64	100		
Residualidade: 3,1%									
Intrusibilidade: 1,6%									

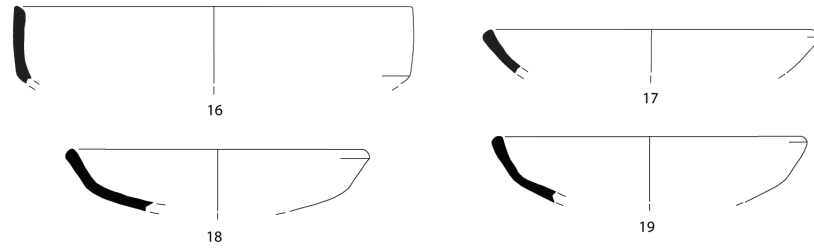
Figura 20
Fase de 250-300
d.C. (escavações
da empresa Era-
Arqueologia).

CATÁLOGO

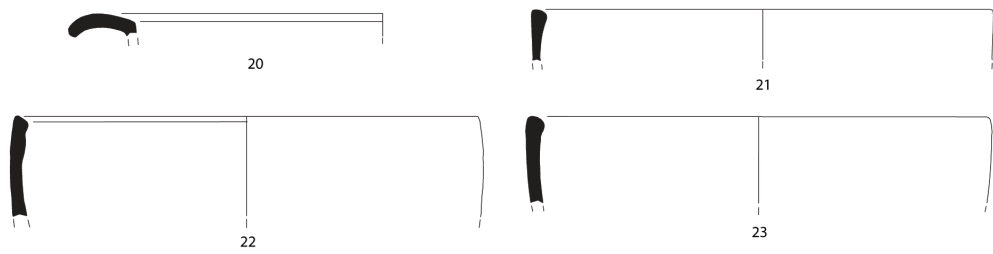
- 16 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 15 – UE 1369 – Inv. 95
- 17 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 16 – UE 1369 – Inv. 96
- 18 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 16 – UE 1369 – Inv. 116
- 19 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 16 – UE 1369 – Inv. 117
- 20 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 6A – UE 1473 – Inv. 655
- 21 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 14A – UE 1473 – Inv. 25
- 22 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 14B – UE 1473 – Inv. 653
- 23 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 14A – UE 1473 – Inv. 654
- 24 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 16 – UE 1370 – Inv. 754
- 25 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 15, variante precoce – UE 1370 – Inv. 755
- 26 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 15, variante precoce – UE 1370 – Inv. 800
- 27 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 6B – UE 2000- Inv. 778
- 28 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 9A – UE 2000 – Inv. 168
- 29 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 15, variante precoce – UE 2000- Inv. 779
- 30 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 27=Lamb. 9a – UE 2000 – Inv. 780
- 31 – *Terra sigillata* africana C – Hayes 50A/B – UE 2000 – Inv. 170
- 32 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 14A – UE 1100 – Inv. 709
- 33 – *Terra sigillata* africana C – Hayes 50A – UE 1100 – Inv. 254
- 34 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 15 – UE 1043 – Inv. 585
- 35 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 15, variante precoce – UE 1036 – Inv. 795
- 36 – *Terra sigillata* africana C – Hayes 50A – UE 1211- Inv. 703
- 37 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 15 – UE 1224 – Inv. 389
- 38 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 15, variante precoce – UE 1284 – Inv. 201
- 39 – *Terra sigillata* africana C – Hayes 50A – UE 1240 – Inv. 88
- 40 – *Terra sigillata* africana C – Hayes 50A/B – UE 2007 – Inv. 793
- 41 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 14C – UE 1246 – Inv. 760
- 42 – Cerâmica africana de cozinha – Norte da Tunísia – Patina cinzenta – Hayes 197 – UE 1246 – Inv. 178

ERA
250-300 d.C.

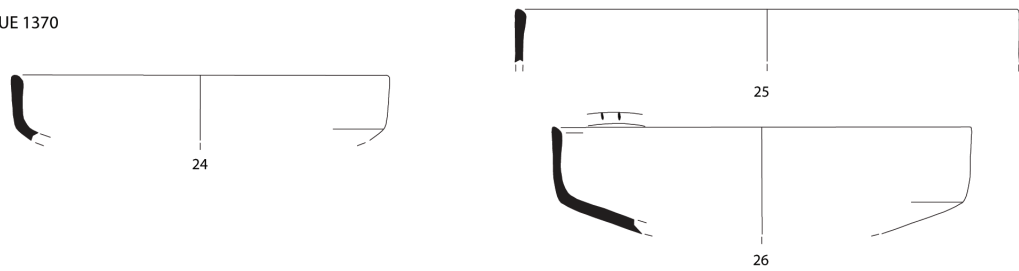
UE 1369



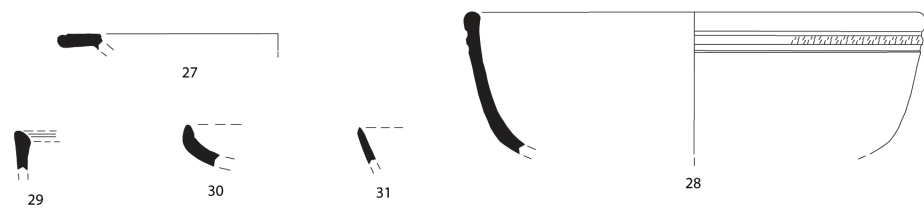
UE 1473



UE 1370



UE 2000



UE 1100



Figura 21
Fase de 250-300 d.C.
(escavações
da empresa
Era-Arqueologia).

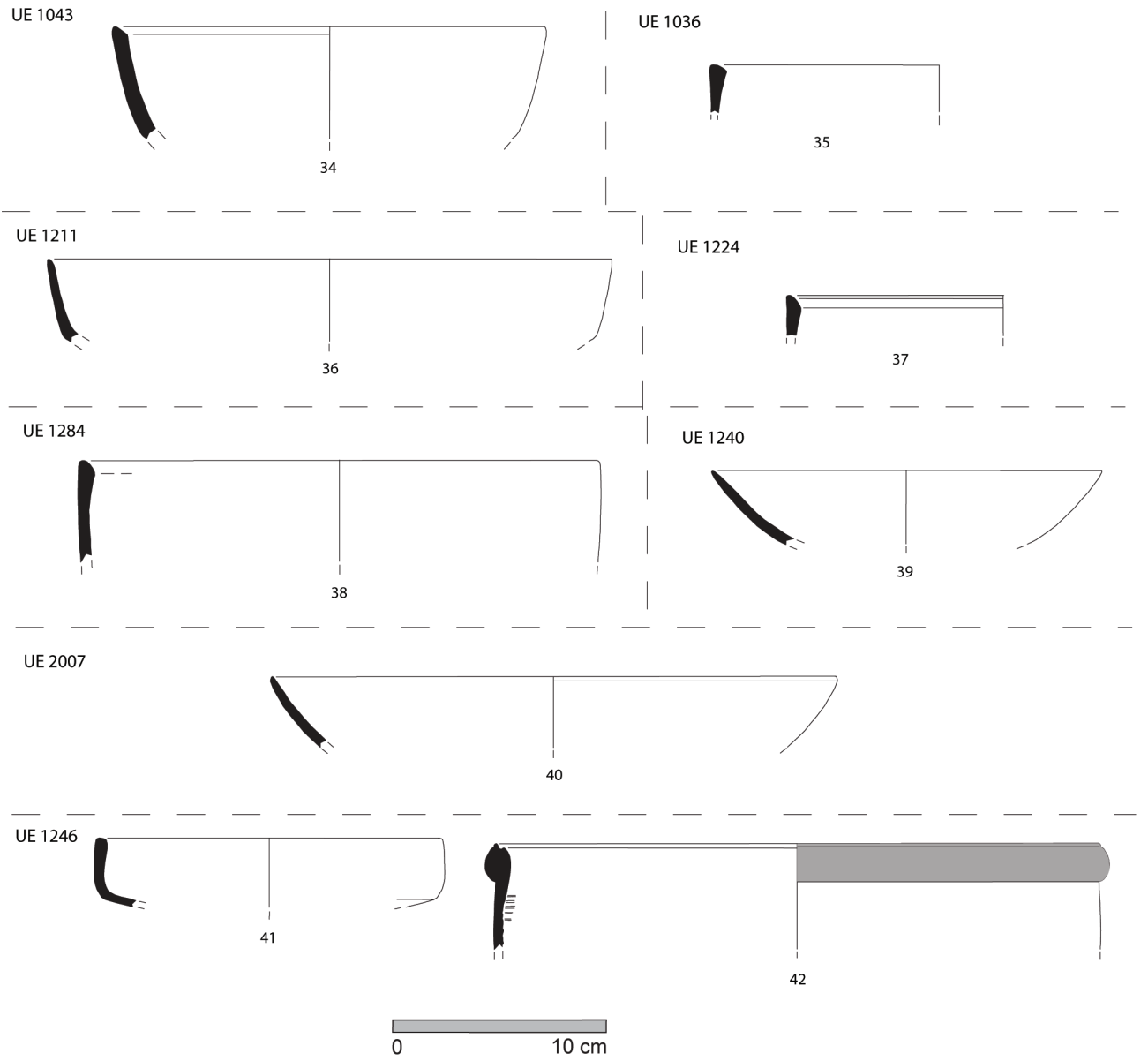


Figura 22
Fase de 250-300
d.C. (escavações
da empresa Era-
Arqueologia).

2.7. Fase de c. 300 d.C.

Para a fase de c.300 d.C. possuímos dados de duas escavações diferentes, que preferimos contabilizar em quadros distintos, já que a própria metodologia de escavação empregue possui diferenças. Começamos por analisar o quadro das escavações do MML.

Encontrar-se níveis de inícios do século IV com grandes quantidades de material do século anterior não é inédito na *Lusitania*, e estará certamente relacionado com as grandes remodelações rurais, mas também de âmbito urbano, que a Tetrarquia impulsionou (veja-se o caso estratigráfico de *Mirobriga*: Quaresma, 2012; 2013). Apesar de tudo, uma aparente taxa de residualidade de 97%, como apresentam os níveis da escavação do MML, é um valor só explicável por uma qualquer remodelação arquitectónica de envergadura, que, no caso estratigráfico vertente, se relaciona com os níveis inferiores da grande lixeira parcialmente escavada nas campanhas do MML, nos quadrados S, T e U, posteriormente concluída nas campanhas da empresa Era-Arqueologia (ver comentário *infra* neste capítulo cronológico). Tal como parece ser típico destes horizontes cronológicos, a forma datante é a Hayes 58B de *terra sigillata* africana D1, produção iniciada em torno a 300 d.C. (Hayes, 1972), presente sempre em escassa quantidade: no caso vertente por dois indivíduos.

Este contexto das escavações do MML exprime assim o quadro comercial da segunda metade do século III vivido em Almoínhas, embora com nuances em relação ao quadro datado de 250-300 d.C.. Desde logo, pelo possível surgimento da *terra sigillata* africana A/D (3,9%), através da forma Hayes 31 (3 indivíduos), típica destas produções, mas num estado de conservação que não nos permite assegurar que não possa pertencer à produção A, zeugitana.

O outro dado relevante é o quase equilíbrio das produções africanas A e C, embora com um ligeiro predomínio da primeira. Neste aspecto, temos uma de duas conclusões a fazer, ou ambas cumulativamente: a) este contexto espelha um maior equilíbrio entre a *terra sigillata* africana A e C em 250-300 d.C.; b) este contexto é um reequilíbrio de um espólio relacionado, não tanto com 250-300 d.C., mas talvez com uma fase mais avançada dentro deste espectro cronológico, como 275-300 d.C.. Esta última interpretação é naturalmente bastante sugestiva ao dar uma proximidade temporal mais coerente entre o grosso do contexto e os 2,6% de *terra sigillata* africana D1 que o data.

Ao nível tipológico notamos algumas nuances em relação à fase de 250-300 d.C.. Na *terra sigillata* africana A, o tipo Hayes 15 e Hayes 15, var. precoce são claramente hegemónicos, relegando os tipos Hayes 16, Hayes 27=Lamb. 9a (o n.º 56 surge porém bem conservado) e Hayes 27=Lamb. 9a2 para uma posição meramente secundária, mais acentuada ainda nos tipos Hayes 14A, 14B e 14C. Este contexto parece assim refletir uma maior longevidade do tipo Hayes 15, ao longo da segunda metade do século III, alcançando o final desta centúria, como propõe M. Bonifay (Bonifay, 2004, p. 157-159), enquanto os tipos Hayes 14A e 14B e Hayes 27 poderão ter uma cronologia final algo anterior, fenómeno mais evidente ainda no tipo Hayes 6, contribuindo assim para afinar as nossas propostas de 2011 (Quaresma, 2011), ao qual acresce novamente a indicação de uma cronologia final da Hayes 16 adentro da segunda metade do século III, como já abordámos aquando do tratamento da fase de 250-300 d.C.. Já a presença expressiva de Hayes 44 na produção zeugitana parece apenas confirmar a datação tipológica de J. Hayes (Hayes, 1972, p. 62), segundo o qual, a Hayes 44 atinge a transição do século III para o século IV.

No seio da *terra sigillata* africana C, os seis indivíduos de Hayes 44 (a terceira forma mais importante) confirmam exactamente os dados da produção setentrional. O domínio formal da

Byzacena pertence no entanto à Hayes 50A, seguida de perto pela Hayes 50A/B, tipo onde se encontra um indivíduo, com espessura de parede entre os 5 e os 7mm (n.º 66), medida que o colocaria potencialmente no subtipo Hayes 50B, embora o leve biselamento externo do bordo e o ainda leve esvasamento da parede o aproxime da variante A/B (Hayes, 1972, p. 73) – não é despidendo porém ser interpretado como uma possível intrusão nesta fase estratigráfica.

Figura 23

Fase de c.300 d.C.
(escavações do MML).

Uma última nota crono-tipológica diz respeito ao n.º 64, Hayes 48A, um exemplar bem conservado que poderá indiciar uma continuidade deste tipo para além de 270 d.C., cronologia final proposta por J. Hayes (Hayes, 1972, p. 67).

CLASSE	ORIGEM	GRUPO	TIPO	FRAG.	NMI	NMI PROD.	% NMI PROD.	OBS.	FIG.	
<i>Terra sigillata</i>	TSAf A		H3C	1	1	37	48			
			H3 ou H6	1	1					
			H6	1	1					
			H14	2	2					
			H14A	1	1					
			H14B	1	1					
			H14C	2	2				49	
			H15	10	10				43, 44, 51-53, 62	
			H15, var. precoce	7	7				50	
			H16	3	3				54, 55, 63	
			H27=L9a	3	3				56	
			H27=L9a2	2	2				57	
			H44	3	3					
			Ind.	79						
		TSAf A/D?		H31	4	3	3	3,9		47, 59, 60
		TSAf C		H44	6	6	35	45,5		45
				H45	1	1				
				H45 ou 48	1	1				
				H45B	1	1				
				H48A	1	1				64
				H50	10	8				
				H50A	10	10				46, 58, 61, 65
			H50A/B	8	7		N.º 66 com perfil próximo da H50B	66		
		TSAf D1		H58B	2	2	2	2,6		48
				Ind.	5					
		Total			252	77	77	100		
	Residualidade: 97% ?									
Intrusibilidade: 2% ?										

CATÁLOGO

43 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 15 – UE 5 – Inv. RO 17333
44 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 15 – UE 5 – Inv. RO 17347
45 – <i>Terra sigillata</i> africana C – Hayes 44 – UE 5 – Inv. RO 15725
46 – <i>Terra sigillata</i> africana C – Hayes 50A – UE 5 – Inv. RO 15505
47 – <i>Terra sigillata</i> africana A/D – Hayes 31 – UE 5 – Inv. RO 17721
48 – <i>Terra sigillata</i> africana D1 – Hayes 58B – UE 5 – Inv. RO 16699
49 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 14C – UE 4 – Inv. RO 13694
50 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 15, var. precoce – UE 4 – Inv. RO 12359
51 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 15 – UE 4 – Inv. RO 17918
52 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 15 – UE 1d – Inv. RO 2148+2161
53 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 15 – UE 4 – Inv. RO 12568
54 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 16 – UE 4 – Inv. RO 12359
55 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 16 – UE 4 – Inv. RO 13358
56 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 27=Lamb. 9a – UE 4 – Inv. RO 14160
57 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 27=Lamb. 9a2 – UE 4 – Inv. RO 13945
58 – <i>Terra sigillata</i> africana C – Hayes 50A – UE 4 – Inv. RO 13702
59 – <i>Terra sigillata</i> africana A/D – Hayes 31 – UE 4 – Inv. RO 12793
60 – <i>Terra sigillata</i> africana A/D – Hayes 31 – UE 4 – Inv. RO 13661
61 – <i>Terra sigillata</i> africana C – Hayes 50A – UE 3 – Inv. RO 15104
62 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 15 – UE 2 – Inv. RO 18311
63 – <i>Terra sigillata</i> africana A – Hayes 16 – UE 2 – Inv. RO 9189
64 – <i>Terra sigillata</i> africana C – Hayes 48A – UE 2 – Inv. RO 8315+...
65 – <i>Terra sigillata</i> africana C – Hayes 50A – UE 2 – Inv. RO 9138+9174
66 – <i>Terra sigillata</i> africana C – Hayes 50A/B – UE 2 – Inv. RO 14887+18210

Os dados estratigráficos dos níveis inferiores da lixeira escavados pela empresa Era-Arqueologia são bastante curtos. Basicamente, reforçam o papel da Hayes 58 na datação de contextos de inícios do século IV, quando surgem exemplares de topo de aba liso (n.º 70), ou com canelura simples (n.º 69) ou larga (n.º 71); reforçam o predomínio da *terra sigillata* africana A com formas do leque tipológico da segunda metade do século III, embora a Hayes 15 não se destaque; reforçam o papel da Hayes 44, única forma bizacena; e voltam a colocar a questão (ausente na parte escavada pelo MML) da continuidade da *terra sigillata* hispânica, tanto pelas produções tarraconenses como béticas, embora a escassa quantidade, a ausência de perfis evolucionados, os fabricos tipicamente alto-imperiais e a ausência de formas importantes no século III, como a Ritterling 8 (Járrega, 2013), nos coloquem sérias reservas quanto à contemporaneidade da série hispânica.

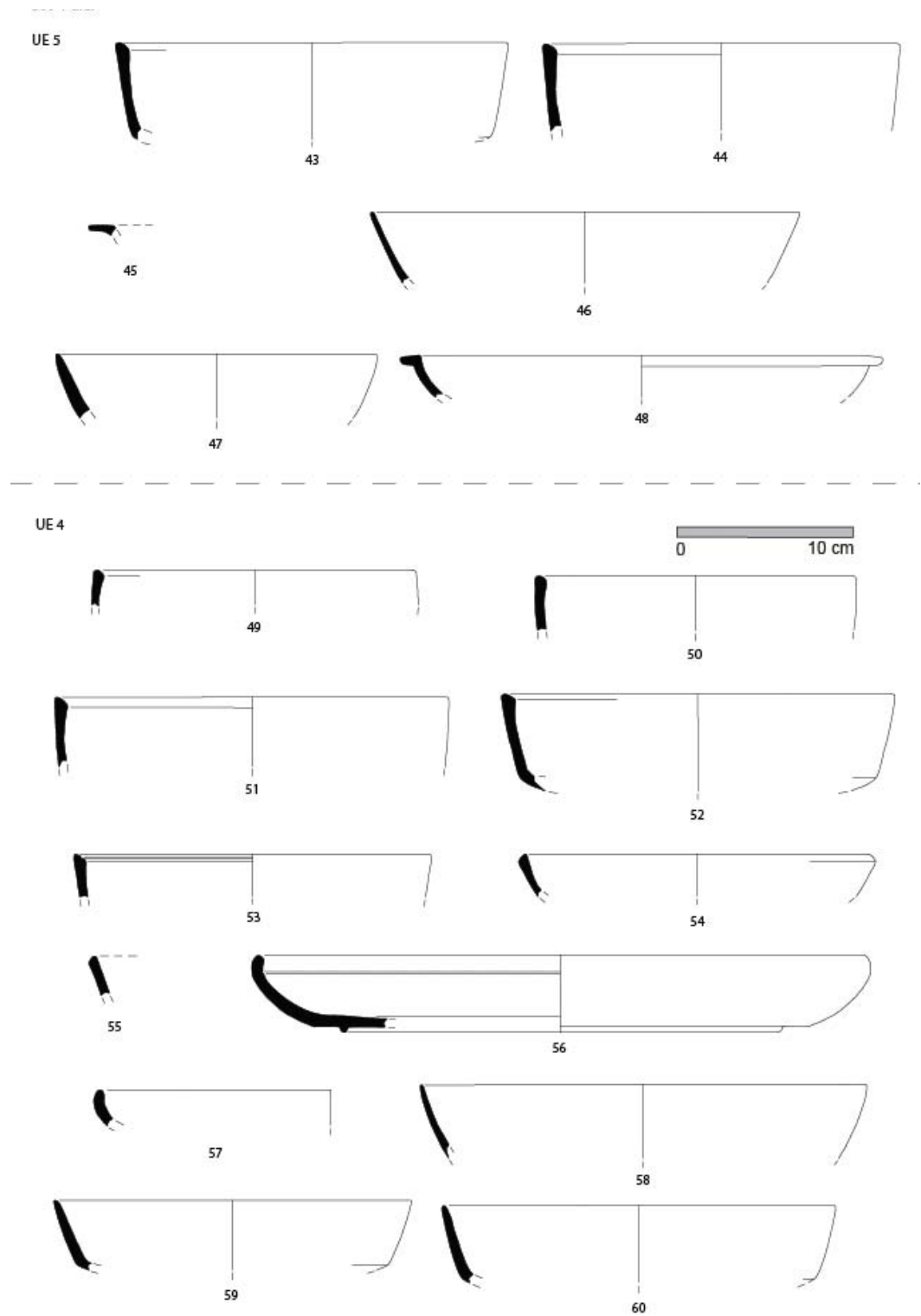


Figura 24
Fase de c.300 d.C.
(escavações do MML).

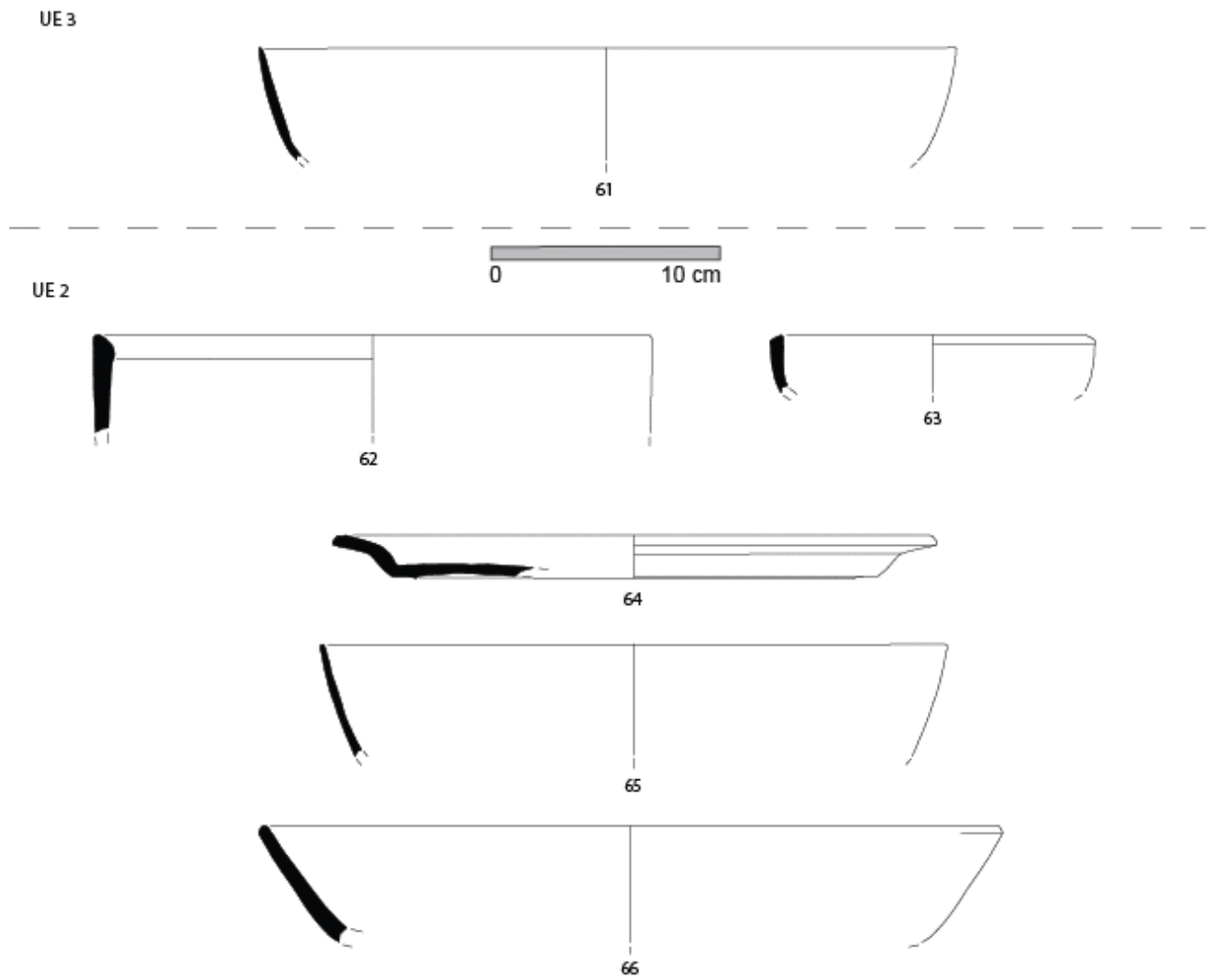


Figura 25
Fase de c.300 d.C.
(escavações do MML).

CLASSE	ORIGEM	GRUPO	TIPO	FRAG.	NMI	NMI PROD.	% NMI PROD.	OBS.	FIG.	
<i>Terra sigillata</i>	TSH-Andújar		D15/17	1	1	1	10			
	TSH-La Rioja		D18	1	1	2	20			
			D15/17	1	1					
	TSAf A			H14B	2	2	5	50		
				H15	1	1				67
				H16	1	2				68
				Ind.	2					
	TSAf C			H44	1	1	1	10		
	TSAf D1			H58B	3	1	1	10		69-71
				Ind.	2					
Total				15	10	10	100			
Residualidade: 30%										
Intrusibilidade: 0%										

Figura 26
Fase de c.300 d.C.
(escavações
da empresa
Era-Arqueologia).

CATÁLOGO

67 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 15 – UE 4021- Inv. 40

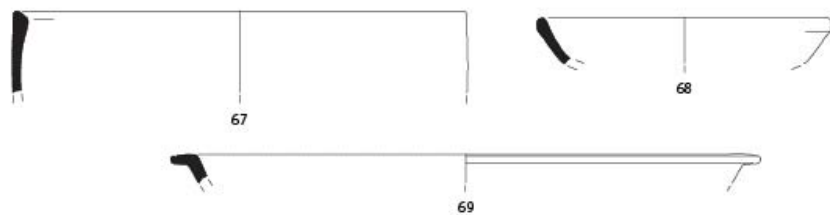
68 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 16 – UE 4021- Inv. 39

69 – *Terra sigillata* africana D1 – Hayes 58B – UE 4021- Inv. 57

70 – *Terra sigillata* africana D1 – Hayes 58B – UE 1030 – Inv. 695

71 – *Terra sigillata* africana D1 – Hayes 58B – UE 4001 – Inv. 426

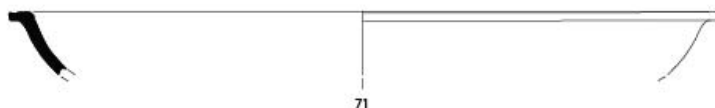
ERA
c. 300 d.C.
UE 4021



UE 1030



UE 4001



0 10 cm

Figura 27
Fase de c.300 d.C.
(escavações da
empresa
Era-Arqueologia).

2.8. Fase de 320+ d.C.

Esta é uma fase complicada de determinar enquanto horizonte cronológico da lixeira, já que o mobiliário não apresenta indicadores seguros para uma cronologia posterior ao primeiro quartel do século IV (mas como dissemos na introdução, no topo desta fase estratigráfica, encontra-se descartado um miliário datado de 314-324 d.C.).

A *terra sigillata* africana D, essencial neste segmento cronológico, não está presente e voltamos a ter as produções africanas A e C, mas desta vez com o predomínio, inédito em Almoínhas, da *terra sigillata* bizacena, facto que parece ser até claro: 46,2 contra 38,5%. Mas neste âmbito cronológico a *terra sigillata* africana A é residual e a africana C é essencialmente coeva, com excepção do tipo Hayes 44, novamente presente. A ausência ou escassez de *terra sigillata* africana D e um domínio claro da *terra sigillata* africana C, durante a primeira metade do século IV, é algo bem expresso na estratigrafia de *Tarraco* e na *villa* de Els Hospitals, na *Hispania*, e na de Beirute, no Mediterrâneo oriental.

Em Beirute, a fase de 325-350 d.C. é claramente dominada pela *terra sigillata* africana C (81,2%), seguida pela produção E (5,75%), tendo a *Zeugitania* (africana D) apenas 4,31 % (Reynolds, 2010, p. 209).

Em *Tarraco*, a fase de 325-350 d.C. da Calle d'Apodeca, 7 possui 41 fragmentos de *terra sigillata* africana C (com domínio da Hayes 50 e presença de Hayes 41, 45A, 48 e 49), enquanto que a *terra sigillata* africana D possui apenas 5 fragmentos (domínio de Hayes 58 e presença de Hayes 61). A fase de 325-350 d.C. da *villa* dels Hospitals-El Morell é igualmente dominada pela *Byzacena*, com a *terra sigillata* africana C (Hayes 45A, 48 e 50A) a duplicar as cifras da africana D (Hayes 58B e 61). Já diferente da fase de Almoínhas, onde a cerâmica africana de cozinha não está presente, é a presença maioritária desta série cerâmica, que quintuplica a *terra sigillata* africana no primeiro sítio e duplica no segundo (Macias *et Al.*, 1997).

Na estratigrafia de Almoínhas, a única forma coeva será a Hayes 50A/B, no seio da qual, o n.º 78, com 5mm de espessura de parede, diâmetro curto de 190mm e parede esvasada, se aproxima bastante do subtipo Hayes 50B. A datação do *Late Roman Pottery* (Hayes, 1972, p. 73), a partir de meados do século IV para esta variante tardia, poderá ter então em Almoínhas possíveis afinamentos quanto à transição do subtipo 50A/B para o tipo 50B, ao longo do primeiro e segundo quartel do século IV, cristalizando em torno a meados da centúria.

Por último, as lucernas, ausentes da fase de c.300 d.C., ressurgem, mas de forma escassa pela produção local ou regional sem forma definível.

CLASSE	ORIGEM	GRUPO	TIPO	FRAG.	NMI	NMI PROD.	% NMI PROD.	OBS.	FIG.
Terra sigillata	TSH-La Rioja		Ind.	1	1	1	7,7		
	TSH-La Rioja?		Pátera?	1	1	1	7,7	Sobrecozedura? Pasta e engobe castanhos.	
	TSAf A		H14B	1	1	5	38,5		74
			H15	1	1				75
			H27=L9a	2	2				72, 76
			H27=L9a2	1	1				
	TSAf C		Ind.	11		6	46,2		
			H44	1	1				73
			H50	1	1				
			H50A/B	4	4				N.º 78 com perfil próximo de H50B. 77, 78
			Ind.	4					
Total				28	13	13	100		
Lucerna	L/R		Ind.	1	1	1	100		
	Total				1	1		1	
Total				29	14	14	100		
Residualidade: 53,9%									
Intrusibilidade: 0%									

Figura 28
Fase de 320+ d.C.
(escavações
da empresa
Era-Arqueologia).

CATÁLOGO

72 – Terra sigillata africana A – Hayes 27=Lamb. 9a – UE 4005 – Inv. 147

73 – Terra sigillata africana C – Hayes 44 – UE 4002 – Inv. 76

74 – Terra sigillata africana A – Hayes 14B – UE 4018 – Inv. 32

75 – Terra sigillata africana A – Hayes 15 – UE 4018 – Inv. 48

76 – Terra sigillata africana A – Hayes 27=Lamb. 9a – UE 4018 – Inv. 30+31

77 – Terra sigillata africana C – Hayes 50A/B – UE 4018 – Inv. 49

78 – Terra sigillata africana C – Hayes 50A/B – UE 4018 – Inv. 386

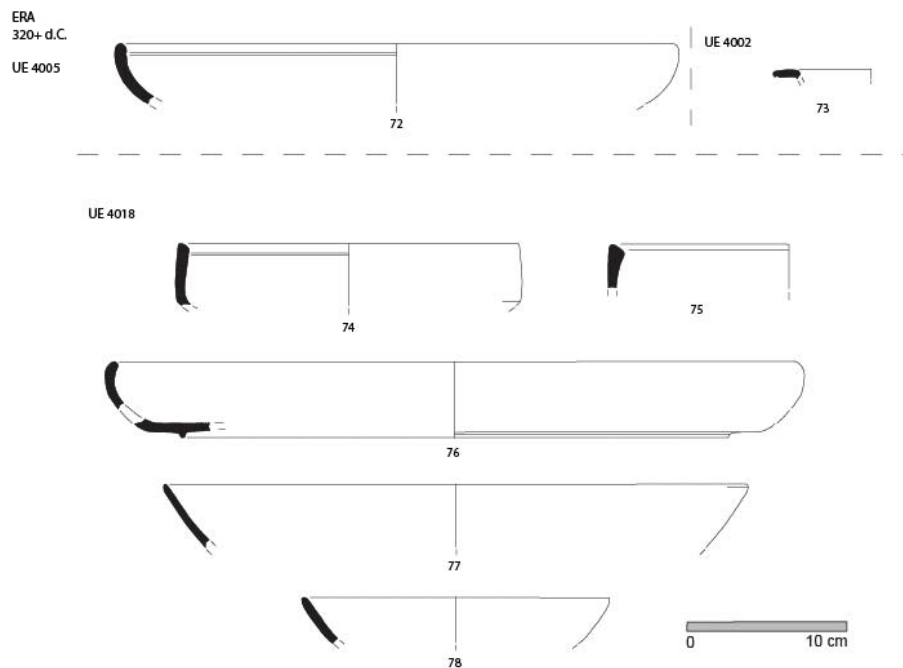


Figura 29
Fase de 320+ d.C.
(escavações
da empresa
Era-Arqueologia).

Algumas conclusões finais

A estratigrafia de Almoínhas fornece uma perspectiva importante do consumo de cerâmicas finas e vidros, em vários segmentos cronológicos da transição do Alto-Império para a Antiguidade Tardia.

Com ausência de informação sobre o século I d.C., os inícios do século II d.C. são o ponto temporal melhor reflectido em relação ao Alto-Império. Destaca-se o predomínio ainda da *terra sigillata* sudgálica sobre as produções hispânicas e a manutenção da hegemonia tarracense, quando seria de esperar, sendo o baixo-Tejo uma área litoral da metade meridional lusitana, uma posição de Andújar bastante mais consolidada. Estes dados poderão assim indicar que a transição do primado de La Rioja para o de Andújar, nos mercados meridionais da *Lusitania* litoral, possa acontecer algo depois de 100 d.C..

As grandes remodelações de 250-300 ou 250-320 d.C. vão produzir as grandes fases estratigráficas do sítio, até à cronologia que nos propusemos estudar neste artigo, o que exclui todos os dados da Antiguidade Tardia plena, objecto de um artigo próximo.

As sepulturas de c.250 d.C. indicam-nos a continuidade do tipo Hayes 3C de *terra sigillata* africana A (embora imitado em IEV local ou regional) e a transição morfológica entre as lucernas de Disco e a Dressel 28, nas décadas centrais do século III, algo que o nosso estudo em curso na área portuária de *Tarraco*, com excelentes níveis de 250-275 d.C., confirma.

Os níveis de 250-300 d.C. são extensos em quantidade de mobiliário e revelam um claro predomínio da *terra sigillata* africana A sobre a africana C, com bons indicadores de continuidade na primeira produção dos tipos Hayes 14A e 14B, mas também da Hayes 27, e, mais importante, da Hayes 16, tida como uma forma mais recuada no século III. Já a continuidade das produções hispânicas é mais problemática de aceitar, ao não se observar qualquer evolução morfológica e técnica nos fabricos atestados.

A fase de c.300 d.C., sobretudo as camadas da escavação do Museu Municipal de Loures, com um grosso de mobiliário da fase anterior (250-300 d.C.) do sítio, reforçam as ideias tipológicas já apontadas, mas observa-se o crescimento da *terra sigillata* africana C, que quase iguala a produção zeugitana (note-se, agora residual ou tendencialmente residual), mantendo-se a *terra sigillata* africana D1 numa posição nascente, meramente embrionária. Ao nível tipológico é de realçar a grande presença de Hayes 44 em *terra sigillata* africana C, mas também em *terra sigillata* africana A, o que parece estender a cronologia deste tipo até c.300 d.C..

A fase seguinte, de c.320 d.C., confirma basicamente as ideias expostas na fase anterior: a *terra sigillata* africana D está até ausente e, sendo a africana A seguramente residual, é a produção C que domina o mercado, numa confirmação de modelo de difusão, tanto a Ocidente como a Oriente, que já havíamos apontado, ou seja, o de que a *terra sigillata* africana D tem de esperar pelos meados do século IV d.C. para alcançar finalmente o domínio dos mercados mediterrânicos e atlânticos.

Com uma segunda metade do século IV d.C. mal representada estratigraficamente, é o século V e a primeira metade do século VI d.C. que voltam a ter informação de extrema relevância para a compreensão das dinâmicas comerciais da península de Lisboa, durante a transição do período tardo-romano para o suevo-visigótico – mas este será então o problema a analisar no próximo artigo sobre este importante *vicus*(?) de Almoínhas.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1981) – *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche. I (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Medio e Tardo Impero)*, Roma.
- ALMEIDA, J. (2009) – *A necrópole romana da Caldeira, Troia de Setubal: escavações de Manuel Heleno nas décadas de 40-60 do século XX*. Tese de mestrado, UL/FLUL.
- ARRUDA, A. M. et Al. (2008) – Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso. *Actas do 5º encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007)*. *Xelb*, 8, p. 137-168.
- BONIFAY, M. (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford (BAR International Series, 1301).
- BRAZUNA, S., COELHO, M. (2012) – A Villa das Almoínhas (Loures). Trabalhos arqueológicos de diagnóstico e minimização. *Cira-Arqueologia*, 1 (Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga), p. 103-114.
- BUSSIÈRE, J. (2000) – *Lampes antiques d'Algérie*. Éditions Monique Mergoïl (*Monographies Instrumentum*, 16).
- CAILLEUX, A. (s.d.) – *Notice sur le Code des Couleurs des Sols*. Boubée.
- CRUZ, M. 2009 – *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Tese de Doutoramento, Universidade de Minho.
- FILIFE, V., QUARESMA, J. C., LEITÃO, M., ALMEIDA, R. (2016) – Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em *Olisipo*: contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In JÁRREGA, R., BERNI, P. (eds.) – *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo. III Congreso internacional de la SECAH. Tarragona, 9-13 de Dezembro de 2014*, p. 423-445.
- HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman pottery*. London, The British School at Rome.
- JÁRREGA DOMÍNGUEZ, R. (2013) – La terra sigillata hispánica tardía (TSHT) en la costa este de Hispania. Una aproximación general. In *Mesa redonda La terra sigillata hispánica tardía y sus contextos: estado de la cuestión. 15 Outubro de 2010*. Madrid (Ex *Officina Hispana/Cuadernos de la SECAH*, 1), p. 67-90.
- MACIAS, J. M. et Al. (1997) – Nous contextos ceràmics del segle IV i inicis del V en la província de Tarragona. In *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X)*. *Actes Taula Rodona. Badalona 6, 7 i 8 de novembre de 1996*. Barcelona, Àrea d'Arqueologia – Universitat de Barcelona (*Arqueo Mediterrània*, 2), p. 53-178.
- MAYET, F. (1975) – *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris, Diffusion du Bocard / Publication du Centre Pierre Paris (E.R.A., 552).
- OLIVEIRA, A. C. (2001) – A villa das Almoínhas (Loures, Portugal). Apresentação dos trabalhos desenvolvidos entre 1995 e 1996. *O Arqueólogo Português*, 19, p. 65-94.
- PEREIRA, C. S. P. (2008) – *As lucernas romanas de Scallabis*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- QUARESMA, J. C. (2006) – Almofarizes béticos e lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9.1, p. 149-166.
- QUARESMA, J. C. (2011) – Chronologie finale de la sigillée africaine A à partir des contextes de Chãos Salgados (*Mirobriga?*): différences chronologiques entre l'Orient et l'Occident de l'Empire Romain. In Cau Ontiveros, M. A., REYNOLDS, P., BONIFAY, M. (eds.) – *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology. A review of the evidence, debate and new contexts*. Archaeopress (*RLAMP*, 1), p. 67-86.
- QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Lisboa, UNIARQ (*Estudos e Memórias*, 4).
- QUARESMA, J. C. (2013) – Les contextes de Chãos Salgados, *Mirobriga* (Portugal): début du IIIe s. – premier quart du Ve s.. *SFECAG. Congrès International de Amiens. 9-12 Mai. 2013. Amiens*, p. 385-408.
- QUARESMA, J. C. (2014) – Les contextes stratigraphiques des *thermae* de Ammaia (Portugal) : IIe-Ve siècles. In MORAIS, R., FERNANDEZ FERNANDEZ, A. SOUSA, M. J. (eds.) – *II Congresso internacional de la SECAH. As produções cerâmicas de imitação na Hispania. Braga, 3-6 de Abril de 2013*. Braga (*Monografias Ex Officina Hispana*, 2), p. 347-360.
- QUARESMA, J. C. (2017) – A evolução crono-estratigráfica do atelier da Quinta do Rouxinol (Seixal): segundo quartel do século III aos inícios do segundo quartel do século V. In FABIÃO, C., RAPOSO, J., GUERRA, A., SILVA, F., coords. – *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental (17 a 20 de Fevereiro de 2010, Seixal)*. CM Seixal, p. 275-306.
- QUARESMA, J. C. (no prelo) – *Le commerce de céramiques fines et de céramique culinaire africaine à Ammaia, une ville à l'intérieur du Sudouest d'Hispania (milieu du Ier s. – début du VIe s.)*. Archaeopress (*Roman and Late Antique Mediterranean Pottery*).
- QUARESMA, J. C.; DIAS, V. (2015) – Vala do Estacionamento. Um contexto de 125-150 d.C. em Ammaia. In QUARESMA, J. C., MARQUES, J., coords. – *Contextos estratigráficos de época romana na Lusitania (de*

- Augusto à Antiguidade Tardia*), *Actas do colóquio na Associação dos Arqueólogos Portugueses, a 24 de Novembro de 2012 (Monografias da Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1)*, p. 85-104.
- REYNOLDS, P. (2010) – *Hispania and the Roman Mediterranean. AD 100-700. Ceramics and trade*. London, Duckworth.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G. (2002) – *Lucernas romanas del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida)*. Madrid, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte (*Monografias Emeritenses, 7*).
- RUIVO, J. (1999) – Subsídios para o estudo da Numismática romana do Concelho de Loures. In *Da Vida e da Morte. Os Romanos em Loures*. Câmara Municipal de Loures, p. 65-74.
- RÜTTI, B. (1991) – *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst*. Augst (Römermuseum Augst, *Forschungen in Augst, 13*).
- SANTOS, C., RAPOSO, J., QUARESMA, J. C. (2015) – Quinta do Rouxinol, Seixal: evolução estratigráfica das cerâmicas finas, cerâmica comum e ânforas entre o segundo quartel do século III e o segundo quartel do século V. In Quaresma, J. C., Marques, J. (coords.) – *Contextos estratigráficos de época romana na Lusitania (de Augusto à Antiguidade Tardia)*. *Actas do colóquio na Associação dos Arqueólogos Portugueses, a 24 de Novembro de 2012 (Monografias da Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1)*, p. 117-148.
- SILVA, A. R. (2012) – A villa romana de Frielas. *Cira-Arqueologia, 1 (Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga)*, p. 88-102.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de M.; DIAS, L. F.; SOARES, A. (1980-81) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica, 6-7*. Setúbal, p. 149-218.
- SILVA, C. T., SOARES, J. (1993) – *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa, Instituto da Conservação da Natureza.
- TUSET i BELTRÁN, F., BUXEDA i GARRIGÓS, J. (1995) – La ceramica *terra sigillata* hispanica avançada (TSHA) de Clunia: segunda metade del s. II – s. III d.C.. In *Congreso de Arqueologia Peninsular, Vol. 5. (Trabalhos de Arqueologia e Etnologia, 35-1)*, p. 355-368.
- VAZ PINTO, I., MORAIS, R. (2007) – Complemento de comércio de ânforas: cerâmica comum bética no território actualmente português. In LAGÓSTENA, L., BERNAL, D., ARÉVALO, A. (eds.) – *Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad. Actas del congreso internacional (Cádiz, 7-9 de noviembre de 2005) (BAR IS, 1686)*, p. 235-254.
- VIEIRA, V. A. C. (2011) – *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa): contributo para o conhecimento de Olisipo*. Dissertação de Mestrado da FCSH/UNL.